

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE ROMANOS 5,12

A SEMIOTIC ANALYSIS OF ROMANS 5,12

Leandro Formicki¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo tentar desfazer o equívoco criador de distorção sobre o entendimento do pecado original na formulação de Pelágio. Para tanto, mostraremos o entendimento do apóstolo Paulo sobre a origem do pecado em Romanos 5:12. Neste capítulo, o apóstolo Paulo considera o pecado de Adão a causa de toda a humanidade ser pecadora e, conseqüentemente, estar distante de Deus e, por isso, digna de morte. Por fim, apresentaremos como os mecanismos do processo de imposição do ensino teológico de Pelágio a respeito do pecado original sobre um outro ensino teológico elaborado em Roma nos anos 50 (55-57 d.C.) funcionam na semiosfera. Fundamentaremos nosso estudo, nos estudiosos Iúri Lotman e Roger Bastide, respectivamente da semiótica da cultura e sociologia religiosa.

Palavras-chave: Agostinho. Pecado. Pelágio. Romanos. Semiótica. Semiosfera.

Abstract: The present study aims to try to undo the misconception that created distortion about the understanding of original sin in the formulation of Pelagius. To this end, we will show the apostle Paul's understanding of the origin of sin in Romans 5:12. In this chapter, the apostle Paul considers Adam's sin the cause of all mankind to be a sinner and, consequently, to be distant from God and, therefore, worthy of death. Finally, we will present how the mechanisms of the process of imposing Pelagius' theological teaching on original sin over another theological teaching developed in Rome in the 50s (55-57 a.D.) work in the semiosphere. We will base our study, in the scholars Iúri Lotman and Roger Bastide, respectively of the semiotics of culture and religious sociology.

Keywords: Augustine. Sin. Pelagius. Romans. Semiotics. Semiosphere.

Introdução

A história da igreja cristã é marcada por inúmeras controvérsias a respeito de alguma doutrina bíblica. Os pais apostólicos procuraram conduzir à igreja a uma vida moral e ética baseada nos ensinamentos bíblicos. É certo que nestes ensinamentos não há grandes desenvolvimentos teológicos. A preocupação era com a práxis cristã e o modelo para isso era Cristo. Surge também os apologistas que se preocupavam em defender a igreja contra os ataques dos não cristãos e ateus. E, por fim, surge os polemistas que procuravam refutar as heterodoxias formuladas dentro da igreja. Como exemplo de um

¹ Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: leandroformicki@gmail.com

polemista temos Agostinho que se levantou para refutar a doutrina de Pelágio sobre o pecado original.

Assim sendo, esta pesquisa se propõe analisar as diferenças entre a doutrina de Pelágio sobre o pecado original de um lado e a doutrina de Agostinho e Paulo sobre o mesmo tema do outro lado, a fim de mostrar os equívocos do ensino de Pelágio. Em seguida, exporemos a tentativa de um ensino teológico na periferia da semiosfera em se sobrepor sobre outro ensino teológico localizado no centro da semiosfera. Para tanto, utilizaremos os conceitos da semiótica da cultura e da sociologia religiosa.

1. Semiótica da Cultura e Sociologia Religiosa

O nome semiótica vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Portanto, semiótica é a ciência dos signos, ou seja, linguagem.² Entretanto, o século XX viu nascer e está testemunhando o crescimento de duas ciências da linguagem. Uma delas é a Linguística, ciência da linguagem verbal. A outra é Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem³. No entanto, é de se notar que todas as *linguagens* (verbais: línguas naturais ou não verbais: dança, desenho, mímica, sinais, etc) são sistemas de signos usados para a comunicação.⁴ Esse aspecto comum tornou possível conceber-se uma ciência que estuda todo e qualquer sistema de signos. Saussure a denominou *Semiologia*; Peirce a chamou *Semiótica*.⁵ Desta forma, a Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.⁶

A Semiótica, a mais jovem ciência a despontar no horizonte das chamadas ciências humanas, teve um peculiar nascimento.⁷ Segundo a pesquisadora Santaella⁸ a primeira peculiaridade reside no fato de ter tido três origens ou sementes lançadas quase simultaneamente no tempo, mas distintas no espaço e na paternidade: uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental.

²SANTAELLA, Lúcia. *O Que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 7.

³Ibid. p. 9-10.

⁴FIORIN, José Luiz (org). *Introdução à Linguística I. Objetos Teóricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 17.

⁵Ibid. p. 17.

⁶SANTAELLA, Lúcia. *O Que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 13.

⁷Ibid. p. 15.

⁸Ibid. p. 15.

Em nossa pesquisa trabalharemos com os conceitos da semiótica da cultura de Iúri Lotman, mas, antes de chegar no conceito de semiótica da cultura, na União Soviética o ponto de referência foi o Formalismo Russo, do qual os atuais semioticistas seriam os continuadores diretos.⁹

Os russos tiveram os seus precursores de uma visão estrutural das Ciências Humanas, como os grandes filólogos A. N. Viesselóvski (1838-1906) e A. Potiebniá (1835-1891), e que foram também os precursores do Formalismo Russo; depois, vem o Formalismo propriamente dito (1914-1930), cortado abruptamente por um ato de força do stalinismo; e a partir da década de 1960 desenvolve-se a escola dos seus continuadores, os atuais semioticistas soviéticos.¹⁰

De um ponto de vista histórico, é importante fixarmo-nos um pouco na segunda metade do século XIX, pois se constata então que uma visão estrutural e semiótica vai se formando em meio ao historicismo dominante na época.¹¹ Uma “consciência semiótica” vai se formando na Rússia no contexto das Ciências Humanas. Entretanto no início do Formalismo Russo, alguns eruditos afirmaram a independência da literatura em relação aos fatos da vida social, mas, houve uma compreensão dos fatos da linguagem como fatos sociais, como é o caso dos primeiros escritos de Jakobson.¹² Os trabalhos do Formalismo Russo valorizavam o estudo imanente do texto, e mesmo em 1928, quando Jakobson e Tinianov sublinhavam a relação da literatura com as demais séries históricas, mas afirmavam também que o estudo imanente devia vir em primeiro lugar.¹³ Segundo Jakobson “o formalismo evoluía para o método dialético, permanecendo ao mesmo tempo fortemente marcado pela herança mecanicista”¹⁴ E esta situação, descrita por Jakobson, evidentemente não era de molde a satisfazer Bakhtin. A natureza social da linguagem para Bakhtin reside no fato de que ela sempre se dirige a alguém e que o próprio monólogo pressupõe o outro. Esse dialogismo fundamental para o pesquisador:

É que tem de ser levado em conta em todas as abordagens da literatura. Em essência a linguagem é sempre dialógica. O monologismo, isto é, a concentração da obra em torno da voz do autor, constitui um artifício de que este lança mão para centrar tudo em seu próprio núcleo ideológico. A tarefa do estudioso da literatura seria desvendar este dialogismo essencial.¹⁵

⁹SCHNAIDERMAN, Bóris. *Semiótica Russa*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979, p. 9.

¹⁰Ibid. p.9-10.

¹¹Ibid. p.11.

¹²Ibid. p.11-20.

¹³Ibid. p.20.

¹⁴Ibid. p.23.

¹⁵Ibid. p.22-23.

Esta concepção é que constitui a chave da oposição Bakhtin/formalistas, pois ao fazer um estudo imanente do texto, só se alcançaria o cerne da questão considerando-se a linguagem em seu aspecto dialógico, na relação com o outro.¹⁶

Por fim, a “consciência semiótica” tende sempre na União Soviética, como em outros países, para uma visão globalizadora da cultura, para a qual não tem sido pequena, por exemplo, a contribuição recente de estudiosos como Iúri Lotman e B. Uspênski.¹⁷

Utilizaremos para análise da oposição teológica do pecado original em Pelágio e Paulo, a teoria de Iúri Lotman de “semiótica da cultura”, ou seja, como se dá a compreensão das relações entre sistemas de signos que orientam o funcionamento da cultura¹⁸. Na qualidade de definição funcional daremos a seguinte definição de cultura: “o conjunto de informações não-hereditárias, que as diversas coletividades da sociedade humana acumulam, conservam e transmitem.”¹⁹ O conceito mais importante de Iúri Lotman (1922-1993), o de *Semiosfera* foi formulado pelo semioticista em 1984 para designar o *habitat* e a vida dos signos no universo cultural.²⁰ Assim como a biosfera designa a esfera da vida no planeta, tal como formulara o geoquímico Vladímir Ivánovich Vernádski (1863-1945), semiosfera designa o espaço cultural habitado pelos signos.²¹ Fora dele, no entender de Lotman, nem os processos de comunicação, nem o desenvolvimento de códigos e de linguagens em diferentes domínios da cultura seriam possíveis.²² Nesse sentido, semiosfera é o conceito que se constituiu para nomear e definir a dinâmica dos encontros entre diferentes culturas e, assim, construir uma teoria crítica da cultura.²³ Trilhando o caminho já consolidado por Mikhail Bakhtin (1895-1975) em seus estudos sobre o dialogismo e sobre o cronotopo,

Lotman investiu na compreensão da dinâmica dos encontros culturais no sentido de explicar como duas culturas se encontram, que tipo de diálogo elas travam entre si e como elas criam experiências capazes de reconfigurar o campo das forças culturais.²⁴

¹⁶Ibid. p.23.

¹⁷Ibid. p.25.

¹⁸MACHADO, Irene. *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007, p. 15.

¹⁹SCHNAIDERMAN, Bóris. *Semiótica Russa*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979, p. 31.

²⁰MACHADO, Irene. *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007, p. 16.

²¹Ibid. p.16.

²²Ibid. p.16.

²³Ibid. p.16.

²⁴Ibid. p.16.

Para o semioticista, os encontros culturais são definidos como momentos explosivos, capazes de redirecionar o campo de forças em todos os níveis da conjuntura social.²⁵ Explosões culturais, contudo, não são fenômenos físicos, mas, do ponto de vista filosófico:

São momentos de grande imprevisibilidade que levam ao florescimento de novas configurações no cenário das representações culturais. Muitas vezes são movimentações subterrâneas, quase invisíveis. Para a abordagem semiótica, trata-se da constituição de sistemas de signos que, mesmo marcados pela diversidade, apresentam-se inter-relacionados num mesmo espaço cultural, estabelecendo entre si diferentes diálogos graças aos quais o choque se transforma em encontro gerador de novos signos.²⁶

Com isso, a semiosfera designada como um “sistema” de geração de signos, possui no seu centro (sistemas mais estáticos que tem a tendência de se autodescrever) e possui na periferia (sistemas menos estáticos que tem a tendência de criar algo novo com mais agilidade). Por isso, os estudos sobre a semiosfera apostam na convivência das diversidades no interior do próprio sistema. Afinal, se a vida no planeta está assegurada pela biodiversidade das espécies, a vida na cultura só pode estar vinculada à sobrevivência da diversidade dos signos.²⁷ O mecanismo da cultura é um dispositivo que transforma a esfera externa da semiosfera (não cultura, caos) em interna, ou seja, desorganização em organização, pecadores em santos, entropia em informação. A cultura não somente luta contra o “caos” externo, mas dele também necessita, ela não somente o destrói, como continuamente o cria. Partindo deste ponto de vista, quanto mais a cultura é provocada pelos elementos externos, mais ela é acrescida.

Uma característica importante da semiosfera é a sua delimitação, ou seja, o seu lugar é a fronteira (periferia), onde, ocorre a comunicação da cultura com a não cultura. A comunicação depende de elementos traduzíveis e intraduzíveis, ou seja, é na fronteira que ocorre a tradução do que está na parte externa da semiosfera, criando comunicação entre uma não cultura com uma cultura.

Outro pesquisador que utilizaremos na análise da oposição teológica do pecado original em Pelágio e Paulo é Roger Bastide²⁸ que vai na mesma direção de Lotman ao

²⁵Ibid. p.17.

²⁶Ibid. p.17.

²⁷Ibid. p.17.

²⁸Francês, formado em Letras. Veio para o Brasil como membro da "missão francesa" contratada para núcleo do corpo docente da Faculdade de Filosofia de São Paulo. Lecionou quase vinte anos no Brasil (1937-1954), onde recebeu o título de "doutor honoris causa" pela Universidade de São Paulo. Foi membro das sociedades de sociologia e psicologia de São Paulo, de antropologia no Rio de Janeiro, de folclore no

afirmar que não existe imposição e ou supremacia na influência cultural, antes existe uma influência mútua das culturas que se relacionam.²⁹ No entanto, isto não significa que estas influências sejam aceitas e recebidas num clima pacífico, mas ocorrem mesmo em um espaço de combate e disputa, ainda que sejam inconscientes.³⁰ Roger Bastide, também, percebeu o caráter intencionalmente “conservador”, “imobilista” da religião, ou mais precisamente da religião “oficial”, que tem o papel de freio ou de obstáculo erguido contra a mudança, as transformações e mutações das mentalidades, das estruturas, do social em todos os aspectos.³¹ Esta religião “oficial” que está no centro do sistema tem a tendência de passar do sagrado selvagem para o sagrado domesticado, mas o que ocorre na periferia do sistema é a passagem do sagrado domesticado para fazer jorrar, de mais embaixo, o sagrado selvagem com toda sua fúria.³²

2. Concepções divergentes sobre a Transmissão do Pecado Original

Do cristianismo primitivo até o cristianismo da pós-modernidade sempre houve uma preocupação com a origem e a transmissão do pecado. Esta discussão, no entanto, ganhou mais notoriedade e controvérsias a partir do quinto século d.C. Segundo Evans “talvez a maior das questões polêmicas que ocuparam a Igreja Ocidental nas duas últimas décadas do quarto e nas duas primeiras décadas do quinto século estivessem relacionadas a uma grande questão: a natureza da perfeição cristã”³³. Para Mourant e Collinge isso

Foi uma questão que preocupou Agostinho em seus primeiros anos como cristão, como se vê no programa intelectual estabelecido em seus diálogos de Cassiciacum, e que, embora de uma forma diferente a cada vez, esteve no centro de suas três grandes controvérsias - com os maniqueus, os donatistas e os pelagianos³⁴.

O primeiro homem a representar a raça humana foi Adão. Ele foi criado em um estado de perfeição. No entanto, após sua queda, ele deixou de ter este estado. Como

Rio Grande do Norte, e do Instituto Histórico do Ceará. Citado por: MEDEIROS, Alexandre. *Semiótica da Cultura: A Semiosfera de Yuri Lotman aplicada ao universo do personagem Miguilim de João Guimarães Rosa*. São Paulo, 2015, p. 6.

²⁹(*Apud*, BARRERA, 2015) citado por: *Ibid.* p.6.

³⁰(*Apud* NOGUEIRA, 2015) citado por: *Ibid.* p.6.

³¹BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 112.

³²*Ibid.* p.252.

³³EVANS, Robert F. *Pelagius: Inquiries and Reappraisals*. New York: Seabury, 1968, p. 28, 29.

³⁴MOURANT, John A; COLLINGE, William J. *The Fathers of the Church. St. Augustine*. Volume 86. Washington: The Catholic University of America Press, 1992, p. 4.

consequência do seu erro, a morte passou a assolar esta Terra. A partir do relato de Gênesis 3, o apóstolo Paulo em Romanos 5 e posteriormente Agostinho e Pelágio buscaram formular uma teologia do pecado original e sua consequência para a humanidade. Analisaremos como cada teologia foi construída e como a teologia de Pelágio buscou suplantar e negar a teologia do apóstolo Paulo.

No seu livro sobre a história do cristianismo, Cairns diz que “Pelágio (360-c. 420), monge e teólogo britânico, chegou a Roma por volta do ano 400 e aí, com a ajuda de Celeste, pregou sua teologia acerca da salvação”³⁵. Posteriormente,

Encontrou-se com Agostinho na África em 410 e logo percebeu que o bispo de Hipona não compartilhava de suas ideias. Expulso de Roma em 418, Pelágio, pessoa fria e calma, não passara pela luta interior por que passara Agostinho antes de ser salvo. Por isso, Pelágio tendia a dar à vontade humana um papel no processo da salvação. Agostinho, porém, descobriria que a vontade humana era insuficiente para livrá-lo do pântano onde se encontrava por causa do seu pecado³⁶.

A controvérsia entre Agostinho e Pelágio é sobre o pecado original e a salvação do ser humano. De acordo com Silva “poderíamos datar o nascimento da polêmica pelagiana entre 411 e 418”³⁷. O autor ainda afirma que

Em 411, Celéstio é condenado no Sínodo de Cartago e, em 415, Pelágio é posto em julgamento pelo Sínodo de Dióspolis do qual ele sai absolvido. Mas, finalmente em 418, Pelágio e Celéstio são condenados pelo concílio de Cartago e em 529, pelo sínodo de Orange. Essas condenações aconteceram porque Pelágio afirmava, sobretudo em sua obra *De Natura*, a possibilidade de a liberdade e a natureza não terem sofrido nada pelo pecado de Adão³⁸.

O bispo de Hipona transcreve dessa maneira as palavras de Pelágio:

Distinguimos assim três elementos e os dividimos numa ordem como que determinada. Em primeiro lugar, temos o poder, em segundo, o querer, em terceiro, o ser. Temos o poder na natureza, o querer na vontade, o ser na execução. O primeiro, ou seja, o poder, pertence exclusivamente a Deus e ele o outorgou à sua criatura; os outros dois, ou seja, o querer e o ser, referem-se ao ser humano, visto que se originam do livre-arbítrio. Portanto, na vontade e na ação, glória é do homem pela prática do bem; ou melhor, do homem e de Deus, que lhe deu a possibilidade da vontade e da operação, porque sempre ajuda a

³⁵CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 117, 118.

³⁶Ibid, p. 118.

³⁷SILVA, Dayvid Da. O Pecado Original: Raízes Histórico-Teológicas de uma Controvérsia. *Revista de Cultura Teológica* - v. 17 - n. 66 - JAN/MAR 2009, p. 72.

³⁸Ibid, p. 72.

possibilidade com o auxílio de sua graça. O poder no homem de querer o bem e executá-lo pertence somente a Deus.

Com efeito, pode existir o primeiro, a possibilidade, sem que existam os outros dois; mas estes não podem existir sem aquele. Assim, não gozo de liberdade para ter boa vontade e praticar a ação; mas não posso deixar de ter a possibilidade do bem. Acha-se em mim, mesmo sem o querer, e a natureza nunca está dela desprovida.

Alguns exemplos clarificarão o sentido do que quero dizer. O fato de podermos enxergar com os olhos, não depende de nós; mas o fato de enxergarmos bem ou mal, depende de nós. Para dar maior abrangência às coisas, afirmo que o podermos fazer, dizer e pensar todo o bem, pertence àquele que nos outorgou esse poder e auxilia para que possamos possuí-lo. Agir, falar ou pensar o bem, depende de nós, tanto que podemos transformá-lo em mal.

Daí que, devido à calúnia que levantastes contra mim, devo repetir muitas vezes a afirmação de que o homem pode viver sem pecado, e, pelo reconhecimento da possibilidade outorgada, louvamos a Deus, que nos concedeu esse poder. Não há nesse fato lugar algum para louvor ao ser humano, pois se trata exclusivamente de uma intervenção de Deus. Não se fala aqui nem do querer nem do ser, mas somente do que pode ser³⁹.

Em seguida, Agostinho refuta o argumento de Pelágio:

Não caiamos no erro de entendê-lo de modo diferente do que pensa.

Por isso, devemos ter em conta que ele não crê no auxílio divino para a vontade e a ação, mas somente para a possibilidade da vontade e da ação. Segundo afirma, é o único fator, dentre os três, que recebemos de Deus, como se não tivesse capacidade o que o próprio Deus pôs na natureza. Os outros dois, que são nossos, no seu dizer, são tão firmes, fortes e autossuficientes, que não necessitam de auxílio algum. Portanto, Deus não nos ajuda para o querer nem ajuda para o agir, mas somente auxilia para que possamos querer e agir.

O Apóstolo, porém, diz o contrário: Operai a vossa salvação com temor e tremor. E para fazê-los saber que não tinham capacidade não somente para poder agir (pois já o haviam recebido na natureza e na doutrina), mas também para o próprio agir, não diz: Deus que opera em vós o poder, como se o querer e o agir, os possuíssem por si mesmos e não necessitassem de ajuda com relação a esses dois fatores, mas diz: Pois é Deus que opera em vós o querer e o agir (et velle et perficere), ou como se lê em outros códices, principalmente gregos: et velle et operari (Fl 2,12-13).

Percebei como o Apóstolo, inspirado pelo Espírito Santo, previu muito antes os futuros adversários da graça de Deus. Além disso, asseverou que Deus opera em nós os dois, ou seja, o querer e o operar, que os pelagianos pretendem que sejam nossos, como se não necessitassem da ajuda da graça divina⁴⁰.

³⁹AGOSTINHO, Santo. *A Graça (I)*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 216, 217.

⁴⁰Ibid, p. 218, 219.

Segundo Pelágio, o ser humano possui a capacidade de fazer tanto o bem quanto o mal por si mesmos. Consequentemente, ele afirma que “o homem pode viver sem pecado”. No entanto, Agostinho diz que tanto o querer e o agir depende da ajuda de Deus, pois é ele que opera no ser humano tanto o querer quanto o agir ou efetuar. Para Agostinho a graça divina é determinante na vida do ser humano pecador, mas para Pelágio, a graça divina não interfere no “querer e no ser” do ser humano. Segundo este pensamento, o “ser” do ser humano não herdou a mácula do pecado, por isso, ele pode escolher fazer o bem e viver sem pecado. A escolha do ser humano determina sua natureza. Se ele quiser fazer o bem, ele será bom, mas se ele quiser fazer o mal, ele será mau. Isso mostra que o ser humano não nasce mau, mas escolhe ser mau. O problema do mal está na escolha do ser humano e não na sua natureza pecaminosa herdade de Adão que o torna em essência mau e o conduza a fazer o que é réprobo aos olhos de Deus.

Agostinho também combate a ideia de que o pecado de Adão não foi transmitido para toda a humanidade. Ele descreve dessa maneira este erro doutrinário:

Celéstio revelou-se mais avançado nos termos deste erro. Nem diante do sínodo episcopal em Cartago quis condenar a doutrina dos que dizem: “que Adão foi a única vítima de seu pecado, o qual não atingiu o gênero humano; e que as crianças que nascem estão no mesmo estado que Adão antes da desobediência”.

E na cidade de Roma, no seu libelo que entregou ao mui bem-aventurado papa Zózimo, afirmou mais expressamente “que ninguém impute às crianças o pecado original”. Copiamos essas suas palavras das atas eclesiásticas de Cartago⁴¹.

Em seguida Agostinho associa este erro também a Pelágio:

6. Prestai atenção no que Celéstio afirmou em termos bem claros, onde perceberéis o que Pelágio vos ocultou. Celéstio acrescentou e disse: “Não dissemos que as crianças devem ser batizadas para a remissão dos pecados, como se estivéssemos ensinando a transmissão do pecado; esta doutrina é bem contrária ao pensamento católico. Pois o pecado não nasce com o ser humano, mas é praticado depois; prova-se que o delito não está entranhado na natureza, mas na vontade. É conveniente confessar o anterior (o batismo das crianças), para não parecer que estamos estabelecendo diversos gêneros de batismo. É necessário tomar esta precaução para evitar que, em se tratando de um mistério, se diga com injúria ao Criador, que o mal, antes de ser praticado pelo homem, é transmitido pela natureza”.

Pelágio teve medo ou vergonha de vos manifestar este pensamento que seu discípulo não teve medo ou vergonha de declarar perante a Sé Apostólica sem nenhum subterfúgio⁴².

⁴¹Ibid, p. 267.

⁴²Ibid, p. 270, 271.

Após estabelecer os postulados de Pelágio e seu discípulo Celéstio, Agostinho os refuta desta maneira:

Os que negam o pecado original são inimigos da graça. — O pecado generalizado no Antigo Testamento comprova a transmissão do pecado original

34. Pode-se concluir que merecem ser apontados como inimigos da graça de Deus os que defendem que a natureza, em qualquer idade, não necessita de médico, e que afirmam não ter sido ela corrompida no primeiro Adão.

Este ponto deve ser considerado não como um assunto em que, salvaguardada a fé, pode-se duvidar ou errar, mas um assunto que atinge a própria profissão de fé, pela qual somos cristãos.

Mas, por que razão a natureza humana daquela época é enaltecida pelos pelagianos, como se fosse menos viciada pelos maus costumes? Não consideram que os homens estavam mergulhados em tão grandes e inumeráveis pecados que, por justo juízo de Deus, o mundo todo foi destruído pelo dilúvio, com exceção de um casal com seus três filhos e três noras, do mesmo modo que o foi posteriormente pelo fogo a pequena região de Sodoma? (Gn 7 e 19).

Com efeito, desde o tempo em que por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram (Rm 5,12), toda a massa de perdição tornou-se possessão do corruptor. Assim, ninguém, absolutamente ninguém desde então, se isentou ou se isenta ou se isentará do pecado, a não ser pela graça do Redentor⁴³.

A doutrina da intransmissibilidade do pecado formulada por Pelágio e seguida por Celéstio mostra que o ser humano não nasce pecador, mas ele se torna pecador, por meio da sua vontade. De acordo com esta doutrina, não existe a transmissão do pecado de Adão para toda a humanidade. Por outro lado, Agostinho se apoiando em (Rm 5,12), diz que a natureza do ser humano foi corrompida pelo pecado de Adão, de modo que todos herdaram uma natureza que se afasta dos princípios morais de Deus. Sendo assim, o bispo de Hipona afirma que o pecado e, a morte como consequência dele, entra no mundo por meio do erro de Adão e, por causa deste erro, todos os seres humanos são considerados pecadores e dignos de morte.

Esta controvérsia também pode ser vista através de duas perspectivas diferentes, a saber, a de Paulo, o apóstolo de Cristo, e a de Pelágio. Deste modo, analisaremos as duas posições teológicas a respeito da transmissão do pecado.

Em Romanos 5,12, Paulo diz o seguinte:

⁴³Ibid, p. 299, 300.

Portanto, por causa de um só homem entrou o pecado no mundo e por meio do pecado a morte, dessa maneira, a morte também passou para todos os homens, uma vez que todos pecaram⁴⁴.

Muitos eruditos debateram sobre a locução prepositiva que está presente na segunda parte do versículo 12, a saber, *ef hōi* de *epi hōs* (preposição + pronome relativo). Apresentaremos um resumo que está na gramática grega de Wallace. Segundo o autor

É possível que *hōi*⁴⁵ refira-se anaforicamente a “um homem” (*henós antrópu*). Se for assim, a ideia é: “todos pecaram em um homem” ou “todos pecaram por causa de um homem”. Contudo, a distância até *henós antrópu* é tão grande de modo que isso seja uma leitura natural. Mas se *ef hōi* funcionar como conjunção, ela não se refere a qualquer antecedente, mas explica como a morte passou a todos: “A morte é universal pela razão clara que o pecado é universal”. Esse uso encontra paralelos nos papiros e no resto do *corpus paulinum* (cf. 2 Co 5,4; Fp 3,12). [...] No entanto, sem forçar a evidências do outro lado, a força de *ef hōi* deve ser tomada como conjuntiva, visto que ambas são bem estabelecidas na literatura grega e faz sentido estarem aqui⁴⁶.

Nossa hipótese é que *ef hōi* funciona como uma conjunção: uma vez que, visto que, etc. Deste modo, no versículo 12, o apóstolo Paulo mostra que por causa do erro de Adão em (Gn 3), o pecado e, a morte como consequência dele, são transmitidos para toda a humanidade. Mas, como ele prova isso? A resposta está na morte de todos os seres humanos. Se todos morrem é porque todos pecaram. Em outras palavras, pelo fato do ser humano ter uma natureza frágil e mortal, isso é uma evidência da sua natureza pecaminosa que foi herdada de Adão. É importante destacar que os dois verbos utilizados por Paulo, a saber, “entrou” e “passou” estão no indicativo aoristo ativo. O primeiro verbo pode ser considerado um aoristo ingressivo. De acordo com Wallace, este tipo de aoristo “pode ser usado para enfatizar o começo de uma ação ou a entrada em um estado”⁴⁷. Além disso, o autor diz que “a capacidade do aoristo é revelada ao acrescentarmos a expressão ‘começou a’ (com atividades) e ‘tornou-se’ (com verbos estativos)”⁴⁸. Assim sendo, por causa do erro de Adão, o pecado começou a entrar no mundo ou entrou no mundo. O outro verbo pode ser considerado o aoristo consumativo ou efetivo. Segundo Wallace este tipo de aoristo

⁴⁴(Tradução nossa).

⁴⁵Optamos por transliterar o grego.

⁴⁶WALLACE, Daniel B. *Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regulas do Brasil, 2009, p. 342, 343.

⁴⁷Ibid, p. 558.

⁴⁸Ibid, p. 559.

Pode insinuar que um ato já estava em desenvolvimento e o aoristo levou-o a conclusão. Isso difere de um perfeito consumativo, pois este enfatiza (1) o completar da ação, e não, meramente, o seu cessar; e, especialmente, (2) a continuação de resultados após a conclusão da ação⁴⁹.

Neste caso, o ato que já estava em desenvolvimento era a entrada do pecado e da morte no mundo, de modo que o verbo no aoristo consumativo mostra que o resultado deste ato foi a mudança da natureza do ser humano de imortal para mortal. Portanto, por meio do pecado de Adão, toda a humanidade, como resultado desta ação, passou a ser pecaminosa e mortal.

Existe uma relação entre pecado e morte no pensamento paulino. Segundo Dunn, tanto pecado quanto morte “aparecem aqui pela primeira vez como categorias interdependentes”⁵⁰. Estes dois vocábulos “irão dominar amplamente a discussão nos próximos três capítulos (“pecado” 42 vezes entre 5,12 e 8,10; “morte” 19 vezes entre 5,12 e 8,6; juntos – 5,12.21; 6,16.23; 7,5.13; 8,2)”⁵¹. De acordo com Moo, “ao longo desses versículos, Paulo atribui ao “pecado” um papel muito ativo: ele “reina” (5,20; cf. 6,13-14), pode ser “obedecido” (6,16-17), paga salários (6,23), aproveita a oportunidade (7,8.11), “engana” e “mata” (7,11.13)”⁵². O autor continua a dizer que

Em uma palavra, ele personifica o pecado, retratando-o como um poder que domina o mundo fora de Cristo, trazendo desastre e morte para toda a humanidade. Por meio dessa personificação, Paulo mostra que os atos individuais de pecado constituem um princípio, ou “rede”, do pecado que é tão difundido e dominante que o destino da pessoa é determinado por essas ações (ver também em 3,8). No caso presente, então, o “pecado” que entra no mundo é mais do que um pecado individual; é a ponte que abre caminho para o “pecado” como condição da humanidade⁵³.

Na mesma linha de raciocínio, Bavinck diz que

Mas essa depravação moral, que é característica de todas as pessoas por natureza, e não apenas surge mais tarde como resultado de seus atos mal orientados, certamente deve ter uma causa. De acordo com a Escritura e o pensamento cristão, essa causa não pode ser outra senão a primeira transgressão do primeiro ser humano, pela qual o pecado e a morte entraram no mundo. A desobediência de Adão e o pecado originante. A

⁴⁹Ibid, p. 559.

⁵⁰DUNN, James D. G. *Romans*. Word Biblical Commentary: Volume 1. Dallas: Thomas Nelson, 1988, p. 273.

⁵¹Ibid, p. 273.

⁵²MOO, Douglas J. *The Epistle to the Romans*. (The New International Commentary on the New Testament). Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1996, p. 319.

⁵³Ibid, p. 319.

Escritura diz isso claramente (Rm 5,12; ICo 15,22) e a experiência o confirma de minuto a minuto: todas as pessoas são concebidas em pecado e nascem em iniquidade. Isso só é concebível se adotarmos a ideia de que essa transgressão de Adão, de alguma forma, se refere a nós. Se não houvesse nenhuma relação entre Adão e nós, seria impossível nascermos em pecado porque ele quebrou o mandamento de Deus⁵⁴.

Por fim, o autor afirma que “a consequência do “pecado originante” (*peccatum originans*) é o “pecado originado” (*peccatum originatum*). Como todos são considerados pecadores em Adão, todos nascem dele em um estado pecaminoso. A corrupção original é uma punição pela culpa original”⁵⁵.

O apóstolo Paulo mostra em Rm 7 que o problema não é a lei que é espiritual e santa. Pelo contrário, o problema é o pecado “originado” do pecado “originante” de Adão que faz parte da natureza do ser humano. Este pecado domina o ser humano, a tal ponto de fazê-lo praticar o mal que ele não quer efetuar. Então, se a lei sinaítica diz que é proibido praticar o adultério, mas o indivíduo dominado pelo pecado pratica-o, certamente, ele sofrerá a punição de morte. Esta natureza herdada de Adão o conduz à ilegalidade e, conseqüentemente, à morte. Essa é a explicação paulina sobre a origem da natureza humana pecaminosa.

Ao identificar a indagação da humanidade a respeito da origem do pecado do ser humano, Moo levanta a seguinte questão e em seguida fornece uma resposta plausível:

A loucura, degradação e ódio que são as principais características da história humana exigem uma explicação. Por que as pessoas passam tão consistentemente do bem ao mal de todos os tipos? Paulo afirma nesta passagem que a solidariedade humana no pecado de Adão é a explicação - e se nós explicamos esta solidariedade em termos de pecado em e com Adão ou por causa de uma natureza corrupta herdada dele, não importa neste ponto. Em qualquer ponto de vista, essa explicação bíblica para a pecaminosidade humana universal parece explicar os dados da história e da experiência tão bem como, ou melhor do que, qualquer teoria rival⁵⁶.

Assim sendo, a teoria paulina da “solidariedade da humanidade” é uma entre várias teorias. Entretanto, esta teoria possui a vantagem de mostrar que a humanidade compartilha da mesma natureza maligna e da mesma trajetória que é a morte. Isto dito, fica claro que a humanidade herdou de uma mesma fonte a sua natureza maligna imutável.

⁵⁴BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*. O Pecado e a Salvação em Cristo. Volume 3. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012, p. 104.

⁵⁵Ibid, p. 110.

⁵⁶MOO, Douglas J. *The Epistle to the Romans*. (The New International Commentary on the New Testament). Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1996, p. 329.

Mas, qual é esta fonte? Segundo Paulo, esta fonte é o “pecado originante” de Adão em Gn 3.

Portanto, verificamos duas concepções diferentes sobre o pecado original. De um lado, o ensino teológico de Pelágio a respeito do pecado original e por outro lado, o ensino teológico de Paulo sobre o mesmo tema.

O encontro cultural entre o entendimento de Pelágio sobre o pecado original e o entendimento de Paulo sobre o mesmo tema geraram explosões culturais, que por sua vez, delimita um sistema cultural teológico paulino mais para o centro da semiosfera, que é mais estático e que tem a tendência de se autodescrever, ou seja, a compreensão do pecado herdado de Adão fazia parte desta cultura teológica como uma resposta plausível à origem da corrupção da humanidade. Por outro lado, esse encontro cultural teológico delimita um sistema cultural teológico pelagiano mais para a periferia da semiosfera, que é menos estático e que tem a tendência de criar algo novo com mais agilidade, ou seja, uma nova compreensão do pecado original que é contrário ao entendimento paulino sobre o mesmo tema tenta se sobrepor como verdade absoluta. Segundo esta nova concepção do pecado, o “correto” é que o ser humano não herdou a natureza pecaminosa de Adão, na verdade, o ser humano se torna pecador por meio da sua vontade. Na periferia do sistema, Pelágio impõe com maior velocidade sua concepção sobre o pecado original, uma vez que ele afirma que o seu ensino teológico é o mais correto e, desta forma, o ensino teológico de Paulo não expressa com exatidão a origem do pecado da humanidade. Por certo, isso faz parte da tentativa de uma cultura teológica religiosa pelagiana de impor como verdade absoluta o seu ensino sobre a intransmissibilidade do pecado diante de outro ensino que mostra a transmissibilidade do pecado. Assim sendo, observamos duas posições diferentes sobre a origem do pecado e que estão em lugares diferentes na semiosfera. Uma posição na periferia tentando se sobrepor e ganhar espaço sobre outra posição no centro do sistema. Por isso, o que ocorre na periferia do sistema é o emanar do sagrado selvagem com toda sua fúria (uma explosão da cultura teológica religiosa pelagiana sobre a origem do pecado atribuindo-lhe novos significados e funções).

Considerações finais

Ao pesquisarmos a construção teológica sobre o pecado original em Pelágio, Agostinho e Paulo chegamos a algumas considerações finais. Em primeiro lugar,

compreendemos que o ensino teológico de Pelágio sobre o pecado original se afasta do ensino paulino em Romanos 5,12. Esta doutrina teológica afirma que o ser humano não nasce com uma natureza pecaminosa herdada de Adão, mas, pelo contrário, o ser humano escolhe por vontade própria pecar. Sendo assim, o ser humano possui o livre arbítrio para praticar o mal ou não. Em segundo lugar, verificamos que o ensino teológico de Agostinho sobre o pecado original se aproxima do ensino paulino formulado em Romanos 5,12, uma vez que afirma que o ser humano nasce com uma natureza pecaminosa herdada de Adão, de modo que ele não escolhe pecar, mas, ao invés disso, ele é impulsionado a pecar por sua natureza corrupta. Em terceiro lugar, constatamos que Paulo, de fato, formulou a doutrina da transmissibilidade do pecado para toda humanidade, ou seja, a partir de um pecado originante de Adão todos se tornaram pecadores. Por fim, foi satisfatório verificar que Pelágio localizado na periferia da semiosfera tem a tendência de criar e impor sua concepção sobre o pecado original de forma mais ágil e selvagem, ou seja, tentando estabelecer seu padrão doutrinário teológico sobre o pecado original como “verdade absoluta”, sem considerar como válida a doutrina teológica sobre o mesmo tema formulada primeiro pelo Apóstolo Paulo.

Referências

- AGOSTINHO. *A Graça (I)*. São Paulo: Paulus, 1998.
- BARRERA, D. P. *Seminário Interdisciplinar do Doutorado em Ciências da Religião*. UMESP-SBC. 2º semestre 2015 – 26/08/2015.
- BASTIDE, R. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BAUER, W.; ARNDT, W.; GINGRICH, F. W., *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Christian Literature*. Chicago Press, 2001.
- BAVINCK, H. *Dogmática Reformada. O Pecado e a Salvação em Cristo. Volume 3*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.
- CAIRNS, E. E. *O Cristianismo através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CRAIG, C. “*A Heretic Reconsidered Pelagius, Augustine, And “Original Sin”*” (2004). School of Theology and Seminary Graduate Papers/Theses. 4.
- DUNN, J. D. G. *Romans*. Word Biblical Commentary: Volume 1. Dallas: Thomas Nelson, 1988.
- EVANS, R. F. *Pelagius: Inquiries and Reappraisals*. New York: Seabury, 1968.
- MACHADO, I. *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.
- MEDEIROS, A. *Semiótica da Cultura: A Semiosfera de Yuri Lotman aplicada ao universo do personagem Miguilim de João Guimarães Rosa*. São Paulo, UMESP-SBC, 2015.
- MOO, D. J. *The Epistle to the Romans*. (The New International Commentary on the New Testament). Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1996.

- MOURANT, J. A; COLLINGE, William J. *The Fathers of the Church. St. Augustine*. Volume 86. Washington: The Catholic University of America Press, 1992.
- NOGUEIRA, P. A. Souza. *Seminário Interdisciplinar do Doutorado em Ciências da Religião*. UMESP-SBC. 2º semestre 2015 - 19/08/2015.
- SANTAELLA, L. *O Que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHNAIDERMAN, B. *Semiótica Russa*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- SILVA, D. Da. O Pecado Original: Raízes Histórico-Teológicas de uma Controvérsia. *Revista de Cultura Teológica* - v. 17 - n. 66 - JAN/MAR 2009.
- WALLACE, D. B. *Gramática Grega: Uma Sintaxe Exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regulas do Brasil, 2009.

Recebido em: 09/03/2021

Aprovado em: 03/12/2021